

REFLETINDO ACERCA DOS SUPORTES: DAS LEITURAS EM LIVROS ÀS LEITURAS EM TELAS

Kalina de França Oliveira¹
Desimary Ferreira Lima de Miranda²

RESUMO

Surgem novos suportes a partir da necessidade de quebrar barreiras na comunicação entre os falantes, estabelecer novos percursos de leitura e formar outras identidades de leitores, ativos no processo. A partir disso, discutir sobre suporte e leitura amplia os nossos olhares para enxergar os avanços tecnológicos e as novas possibilidades advindas com a progressiva inserção de recursos tecnológicos. Levando em consideração as leituras em diferentes suportes, seja em livros ou em telas, é importante conhecer esse novo leitor (ou será leitor?) e os novos caminhos dessa leitura. Sendo assim, esse artigo se propõe a discutir o avanço dos suportes e a contribuição dos recursos tecnológicos para os leitores, estabelecendo um breve percurso entre as leituras em suportes físicos às leituras em telas, ao longo do tempo. Para a realização dessa pesquisa, elegeu-se a pesquisa bibliográfica, de cunho documental, como procedimento, a partir do método de abordagem dedutivo. Como referências, foram utilizados autores, tais como: Cavallo e Chartier (1998), Gomes (2010), Marcuschi (2008), etc. Como resultados, é possível visualizar as gritantes diferenças entre as margens das páginas do livro e a tela do computador; as margens do livro são estabelecidas como fronteiras, enquanto as telas dos computadores são vistas como ambientes ilimitados. Conclui-se que não há como fechar os olhos pois os leitores/estudantes acompanham essas evoluções e vivenciam, na prática, ações leitoras em diferentes suportes e, dessa forma, a escola precisa fazer referência a tais evoluções, possibilitando em sua práxis vivências que favoreçam a inclusão das tecnologias digitais dentro de um contexto de construção colaborativa do conhecimento, ampliando assim as experiências leitoras em ambientes formais, como a escola.

Palavras-chave: Leitura, Suporte, Recursos tecnológicos, Escola.

INTRODUÇÃO

É necessário refletir que “um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os suportes que o propõem à leitura” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 6) e “que não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido)” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 9).

¹ Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPB, kalina.ufpb.tae@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, desimaryflm@hotmail.com.

Partindo da história da leitura, desde os seus primórdios, fica perceptível que as “maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 9), sendo assim, levando em consideração o atual contexto social, em que é possível realizar leituras em diferentes suportes, seja em livros ou em telas, é importante conhecer esse novo leitor (ou será *lautor*?) e os novos percursos dessa leitura.

É possível inferir que a interatividade chega na atualidade com o intuito de desconstruir o tripé clássico ‘emissor-mensagem-receptor’, pois o emissor já não produz uma mensagem fechada, ela agora se adequa ao leitor (ou *lautor*: aquele que é leitor e autor ao mesmo tempo), ganhando sentido a partir do receptor. Em outras palavras, a mensagem “é modificável na medida em que responde às solicitações daqueles que a consulta”, sendo o receptor também um construtor; e, por isso, a “mensagem ganha sentido sob sua intervenção” (SILVA, 2004, p. 4), passando para o polo ativo do processo.

Os discentes leem com relativa desenvoltura em suportes digitais, mas sentem desinteresse na leitura em material impresso e nos livros físicos. O que fazer diante deste cenário? Como inserir leituras no ciberespaço, ou melhor, como inserir o ciberespaço nos processos de leitura?

Questionamentos como esses trazem às salas de aula novos suportes de leitura. Enquanto antes pensávamos apenas em livros impressos, hoje já temos acesso aos *downloads* de livros digitais; enquanto antes escrevíamos apenas nas folhas dos cadernos, hoje já utilizamos o monitor do computador com esta finalidade.

A partir disso, este artigo se propõe a discutir sobre suporte e leitura com o intuito de enxergar os avanços tecnológicos e as novas possibilidades advindas com a inserção das tecnologias digitais nos processos de leitura.

Os gêneros emergentes no meio virtual vão ganhando cada vez mais espaço, as produções textuais e momentos de leitura se tornando mais contextualizadas e, com isso, os alunos ampliam suas competências discursivas, pois “quem pensa no processo de ensino-aprendizagem unidirecional colide com um educando habituado à multidirecionalidade” (RANGEL; FREIRE, 2012, p. 50).

Com o decorrer dos anos, os suportes foram evoluindo, desde as paredes das cavernas às telas dos computadores um longo caminho foi percorrido, durante o qual as imagens de outrora foram dando lugar aos textos escritos com uso do código alfabético. Entretanto, com o advento da internet e da cultura eletrônica e digital, percebe-se uma junção do texto-imagem, ou seja, das linguagens verbal e não verbal, e assim a distância entre as imagens e os textos não é mais notada como outrora, visto que:

Nos dias de hoje, principalmente devido às facilidades oferecidas pelos meios eletrônicos, tanto para obtenção de imagens digitais quanto para sua inserção e edição em documentos em computadores ou na web, os limites entre texto e imagem estão cada vez mais tênues. (GOMES, 2010, p. 80)

Observa-se que “um dia só transmitíamos os textos oralmente; depois passamos a fazê-lo por escrito; mais tarde, por telefone; e então pelo rádio, televisão e recentemente pela internet” (MARCUSCHI, 2008, p. 174), e com isso os modos de transporte e de fixação dessas mensagens foram se modernizando para adequar-se à realidade que se instaurava em cada novo momento, corroborando com os estudos de Paiva (2010) acerca da sucessão das sociedades (oral, escrita, midiática e ciberespacial) e as novas situações de produção do discurso e seus suportes.

Somando-se a essas evoluções, novos gêneros apareceram, de acordo com a necessidade dos usuários da língua, com o intuito de promover uma interação construtiva e quebrar as barreiras da comunicação entre os falantes em novos ambientes, agora virtuais, e estabelecer novos percursos de leitura e formar outras identidades de leitores, ativos no processo.

Entende-se por suporte de veiculação, conforme Marcuschi (2008, p. 174), “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. Há suportes convencionais (livro, jornal, revista, rádio, televisão, telefone, outdoor, faixas etc.), que são projetados com a finalidade de fixar um texto; e existem os suportes incidentais (embalagens, para-choques, roupas, corpo humano, paredes, muros, paradas de ônibus, calçadas, fachadas etc.), que carregam textos, embora não tenham sido projetados inicialmente com este intuito. Discutir as diferenças entre o livro e a tela, enquanto suportes, e as características de cada leitor, inseridos em um determinado contexto cultural, social e econômico, possibilita ampliar as discussões acerca da leitura.

Diante do hipertexto (documento *lincado*), o aluno figura como coautor, navegando em rede e não fazendo um percurso previamente traçado. Na verdade, o discente trilha os caminhos escolhidos por ele, assumindo o leme desta embarcação e construindo a sua própria trajetória, única e pessoal. Conforme Gomes (2011, p. 15), o hipertexto pode ser compreendido como:

[...] um texto exclusivamente virtual que possui como elemento central a presença de links. Esses links, que podem ser palavras, imagens, ícones etc.; remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos a partir do que for acessado e, conseqüentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados através dos links.

Segundo Lemke (*apud* ROJO, 2013, p. 21), “o hipertexto permite que saltemos de um texto a outro e de um ponto de saída a múltiplos portos de ancoragem, por meio da inserção de lincagens permitidas em ambiente digital”. Destarte, nota-se que o texto não é mais linear, assumindo a categoria de ‘multidimensional’; basta um clique para se transportar a outros horizontes de leitura e assim concatenar novas informações, afinal, há uma quantidade ilimitada de textos interconectados. Autor e leitor assumem outros papéis nesse novo contexto de produção; agora, a figura do leitor passivo e receptivo é descartada e deixada de lado.

A referida pesquisa se justifica por ser necessário refletir acerca dos novos suportes de leitura a partir do processo de apropriação tecnológica (ou de sua ausência) nas escolas e, sobretudo, no ensino da Língua Portuguesa. É notória certa resistência ao contexto de apropriação, por mero desconhecimento das estratégias que podem ser utilizadas a partir dela, inclusive o uso de novos suportes. Logo, a construção de material científico sobre a supramencionada temática surge como uma ferramenta de formação e informação para os docentes, servindo, ainda, de subsídio na orientação de práticas educacionais alinhadas aos processos de construção de conhecimento na atualidade.

METODOLOGIA

A vertente metodológica é a pesquisa bibliográfica, de cunho documental, como procedimento, a partir do método de abordagem dedutivo.

Em conformidade com Barros e Lehfeld (1997, p. 93), vê-se a importância da pesquisa bibliográfica, na medida em que “a competência em pesquisa científica está estritamente relacionada ao grau de experiência que o pesquisador vai adquirindo à medida que consegue finalizar os seus estudos para refletir sobre suas dificuldades”. Sendo assim, tal afirmação fundamenta a importância desse tipo de pesquisa para o fortalecimento dos estudos em questão, pois é através dela que se consegue fazer uma relação clara e precisa entre o problema a ser resolvido, os objetivos delimitados e o planejamento acerca da coleta e análise de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro e a tela do computador são suportes distintos, e por isso mesmo carregam suas peculiaridades e particularidades, analisá-los a partir deste ponto de partida já amplia os nossos olhares. É possível visualizar as gritantes diferenças entre as margens das páginas do livro e a

tela do computador; as margens do livro são estabelecidas como fronteiras, enquanto as telas dos computadores são vistas como ambientes ilimitados. Diante de um teclado, um *mouse* e uma tela como suporte, surge um leque de possibilidades a serem exploradas, a saber: digitar, deletar, copiar e colar, mover, aumentar ou diminuir a fonte, anexar imagens, inserir *hiperlinks*, construir textos multimodais, indexar etc., pois a partir da evolução da tecnologia digital, essas são ações possíveis de serem realizadas, já que incluem recursos disponíveis no ambiente virtual. E, somando-se a todas essas ações, ainda é possível tornar-se coautor do texto. Observe:

A diferença, imediatamente visível, no livro impresso entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, desaparece em proveito de uma realidade diferente: o leitor, diante da tela, torna-se um dos atores de uma escrita a várias mãos, ou pelo menos, encontra-se em posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 31)

Além do mais, é perceptível que tais ações estimulem as pessoas ao hábito da leitura e, conseqüentemente, da escrita, com mais intensidade, fazendo uso dessas facilidades não encontradas nos suportes de outrora, como o livro impresso, por exemplo.

Entre o livro e a tela do computador é possível visualizar gritantes diferenças. As margens das páginas do livro são estabelecidas como fronteiras, enquanto a tela do computador é vista como um todo ilimitado – e as fronteiras, se existirem, são imagináveis –, onde os usuários não encontram impedimentos ou barreiras, sentem-se livres, sem amarras. Este é um dos pontos positivos que a tela do computador traz àqueles que a utilizam: deixa à disposição um território sem fronteiras aos seus usuários.

A tela do computador – enquanto suporte – traz variadas possibilidades de uso em diversos contextos, sobretudo no da sala de aula, visto que é um novo mundo que se apresenta a partir dela, aliado à rapidez, à comodidade, à informalidade e ao imediatismo que ora vigora.

Aspectos inimagináveis há uns anos hoje se configuram como pontes seguras entre a escola e o mundo, e se a escola deve preparar cidadãos para a vida, é fundamental que ela estabeleça um elo entre o mundo e as diversas evoluções tecnológicas que surgem fora das quatro paredes da escola; caso contrário, haverá uma grande desconexão entre as partes.

A internet é um caso à parte, que corresponde a um suporte que traz consigo diversos gêneros de formatos variados, e não deve ser vista erroneamente como um mero ‘serviço da atividade comunicativa’, como por tendência é comum ser classificada, mas um ambiente de leitura, onde agora se estabelece uma relação original entre aquele que escreve e aquele que

realiza a leitura, estabelecendo novos papéis sociais e novas funções sociais. (CAVALLO; CHARTIER, 1998).

Assim sendo, é possível distinguir com clareza as diferenças estabelecidas entre o livro e a tela do computador e as características provenientes de cada suporte, já que “a transmissão eletrônica dos textos e as maneiras de ler que ela impõe indicam atualmente a terceira revolução da leitura, que acontece desde a Idade Média” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 30).

Na sociedade da informação, onde as pessoas estão costumeiramente conectadas e comunicando-se com rapidez, é importante analisar a influência das tecnologias e, conseqüentemente, as suas conseqüências, sobretudo nos quesitos leitura e escrita. E, para isso, deve-se também refletir qual é a postura dos docentes frente a estas inovações e as possíveis mudanças metodológicas necessárias para que escola e sociedade não caminhem de forma oposta, já que “não se poderia pensar hoje uma pedagogia e uma didática do texto sem estar consciente das transformações a que a informática submete as práticas de leitura e de escrita” (PERRENOUD, 2000).

A partir do paradigma vigente, não há como fechar os olhos para tais transformações ou simplesmente fingir que elas não existem; pois, os alunos, acompanham estas evoluções no campo da leitura e, dessa forma, a escola precisa também fazer referência a tais evoluções, encaixando em sua prática ações que favoreçam a inserção das tecnologias digitais dentro de um contexto de construção colaborativa do conhecimento, pois “ler numa tela, de fato, não é ler num *codex*” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 30).

Entender que “o texto em sua representação eletrônica pode teoricamente atingir qualquer leitor em qualquer espaço” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 32) é o que nos distancia de vários momentos que marcaram a história da leitura, onde os livros eram artigos de luxo, destinados a poucos, seu acesso limitado e restrito, pois “do *codex* à tela, o passo é tão importante quanto ao que foi dado ao passar do rolo ao *codex*” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p.141), “vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos para além dos já trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental (notícia, álbum noticioso, carta de leitor, entrevista etc.)”, sendo sugeridos alguns gêneros digitais para as séries

finais do ensino fundamental, tais como: reportagem multimidiática, vlog noticioso, vlog cultural, meme, charge digital, *political remix*. A sugestão é que, em cada ano, possam ser contemplados nas salas de aulas e nos livros didáticos gêneros multissemióticos e hipermidiáticos, característicos da cultura digital e das culturas juvenis.

De fato, “o texto não pode ser concebido somente do ponto de vista do sistema linguístico, ou seja, privilegiando aspectos sintáticos e semânticos, em detrimento dos aspectos pragmáticos, das mais diversas situações de uso” (CAVALCANTE, 2013, p. 30), isto posto, é fundante creditar importância aos aspectos que ultrapassam as linhas do texto e penetram nas entrelinhas, visto que as situações de uso e a própria funcionalidade do texto devem ser analisadas e levadas em consideração.

Diante do atual paradigma que se desenha, há uma missão de estabelecer uma ponte entre o ciberespaço, as tecnologias digitais e os gêneros emergentes, além dos novos processos de leitura em variados suportes. Percebe-se que os novos leitores lidam com as tecnologias digitais e fazem uso delas, de maneira tal que cabe prioritariamente aos professores e professoras de Língua Portuguesa subsidiarem a exploração adequada desses novos aparatos, explorar os gêneros digitais nos processos de leitura no contexto escolar, como um caminho inovador.

REFERÊNCIAS

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

_____. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *E-mail: um novo gênero textual*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 81- 108.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.



ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In:_____. (Org.). **Escol@ conectada:** os multiletramentos e as TIC's. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-36.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão social na cibercultura. In: SEMINÁRIO VIRTUAL DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE, 1., 2004, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* Belo Horizonte: Secretaria de Educação, 2004. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/smed/capeonline/seminario/marco.html>>. Acesso em: 09 dez. 2022.